

Todo dia, juramentos e ilusões

A julgar pelas promessas que têm sido feitas aos eleitores durante os programas de rádio e TV no horário gratuito de propaganda eleitoral, o brasiliense acordará no dia 16 de novembro completamente feliz. Com casa própria, alimentação em abundância e saúde para dar e vender, desfrutando de um nível de cidadania de fazer inveja aos países mais avançados do mundo.

Na ansia de ganhar votos, muitos candidatos baselam suas mensagens nas citações dos alarmantes números da miséria das áreas periféricas do DF, colocando a urgência de uma política de habitação de baixa e média renda, prometendo inclusive aos funcionários públicos a propriedade dos imóveis que ocupam, como é o caso de Benedito Domingos, candidato a deputado pelo PFL. O que ele não diz é que, caso eleito, será constituinte, e não governador ou ministro da Administração, aos quais cabem estas decisões.

Há os ingênuos, que na falta de propostas coerentes prometem "orar" pelos que lhe derem seu voto, como o pastor Doriel de Oliveira, candidato a deputado pelo mesmo PFL, garantindo que "se você nos ajudar com seu voto, vai estar colaborando com quem pode realmente orar por você, ajudar você".

A ex-secretária de Educação do DF, Eurides Brito, também do PFL, tem mostrado um discurso mais coerente, embora apele para sua condição de "mãe de família, dona-de-casa, cristã e profissional". Eurides garante que a sua luta será pelos professores, que até hoje, embora garantidos por lei, não têm aposentadoria integral. E dos poucos candidatos que sabem que serão constituintes, e não vereadores.

O Partido Liberal anuncia pelo rádio que vai acabar com corrupção, a violência e a fome. Parece desconhecer que seus parlamentares, se vitoriosos, terão que negociar politicamente suas posições. A promessa mais intrigante do PL é a criação de "campos de tra-

balho" para a produção de alimentos, um processo que, caso fosse transformado em lei, seria colocado no âmbito da legislação ordinária, e não na Constituição.

Sebastião Gomides, candidato à Câmara pelo PMDB, diz que Brasília precisa se industrializar, "para dar empregos aos pais e mães de família". Não explica que mágica faria para, como constituinte, ser doublé de governador e, assim, industrializar o DF. De resto, os candidatos do PMDB fazem suas promessas em termos mais genéricos, de mudanças no âmbito do país, como Paulo Nardelli, que garante que sua luta será pela melhoria do nível de saúde da população.

Meira Filho, entre os peemedebistas, tem justificado a preferência que os eleitores lhe dão nas pesquisas de opinião. Didático, ele conta o que a Constituinte pode fazer por Brasília. "As pessoas que você escolher para dar seu voto vão lutar para melhorar as condições de vida do povo", explica.

CRITICAS AO GOVERNO

Na falta de proposta, sobra a crítica ao Governo do DF. O governador José Aparecido é o alvo predileto dos partidos de oposição, particularmente da Aliança Popular, uma coligação que abriga, sob a liderança do PDS, o PN, PRP e PPB. Pitanga Seixas, por exemplo, quer dar "um basta" à ciclovias, ao teatro grego da Ceilândia (que não foi construído), e "à milionária troca do mármore das colunas do Ministério da Justiça". E adverte, incorrente: "Não se engane com candidatos que prometem o que não podem cumprir". Só não esclarece como dará um "basta" nas obras decididas pelo GDF.

Renato Levi, do Partido Nacionalista, usa seu tempo para fazer um "protesto contra a demagogia". Segundo ele, "o povo está cansado de palavras. Nas cidades-satélites o povo vive espremido e as autoridades ficam fazendo obras faraônicas". E conclui: "Meu apoio aos companheiros ca-

minhoneiros, aos motoristas de táxi. Conto com o seu voto".

Rui Teles, candidato pela Aliança Popular, dá uma única tacada para atingir ao mesmo tempo, o governador do DF e os partidos da Aliança Democrática. "O PMDB e o PFL são Governo. Tudo o que faziam de críticas há dois anos atrás acabou. Hoje, estão no Governo e nada fazem. José Aparecido é invenção de vocês e não nossa". E dá um ultimatum aos membros do Governo: "Vocês têm dois meses para dar uma definição sobre o que farão com os problemas do País", advertiu aos eleitores sobre aproveitamento para os que abusam do poder econômico: "Ninguém vai dar pão nem leite depois das eleições".

O Partido dos Trabalhadores também não foge à regra: Luiz Rossi, candidato a deputado, abriu seu pronunciamento no programa de rádio na tarde de ontem fazendo críticas "à compra de votos e à compra da consciência. Quem vende o voto desiste de lutar e de reivindicar". Segundo Rossi, a proposta do PT "é discutir os problemas do DF com todos para solucionar os seus problemas".

Os candidatos brasilienses estão, em sua maioria, fazendo campanha como se estivessem pleiteando ser governadores, ou, em alguns casos, vereadores. Como são as primeiras eleições do DF, as expectativas são de solução dos problemas mais imediatos da população, o que não será possível a deputados e senadores, que terão de fazer uma nova Constituição para o País. Há diferenças fundamentais entre o legislador e o político que ocupa cargo executivo. Um se comunica com o outro, mas eles têm funções diferentes na sociedade. O que muitos estão prometendo terá que ser esquecido no dia 16, por absoluta impossibilidade de honrar a promessa. E o mais provável é que o brasiliense amanheça neste dia como em qualquer outro. Ou seja, com uma infinidade de problemas que não têm as prometidas soluções mágicas. (I.V.)